

O ENSINO DA GEOGRAFIA E SUAS RELAÇÕES COM A CIÊNCIA GEOGRÁFICA¹

Ivaine Tonini²

1. INTRODUÇÃO

A preocupação central deste trabalho foi a de investigar a relação entre o ensino da Geografia nas Escolas de 1º e 2º Graus e a Ciência Geográfica. Para tal assertiva, buscou-se subsídios nos professores através de seu posicionamento frente à Ciência Geográfica, para posteriormente, conscientizá-los da complexidade desta temática.

Sabe-se que essa problemática é complexa e dinâmica, envolvendo uma reformulação ou um reexame da questão nas Universidades em relação ao ensino da Geografia, com vistas a desenvolver uma melhoria na sua prática pedagógica.

Entende-se que esta melhoria deva perpassar pelo entrelaçamento da prática e da teoria alimentados nos atuais debates sobre a evolução do pensamento Geográfico, que fornecem as diretrizes que norteiam as distintas Escolas Geográficas.

Entretanto o que se tem evidenciado é um descompasso entre as atuais correntes do pensamento geográfico e o ensino geográfico efetivado na prática pedagógica. Esta discrepância é para a maioria dos autores, denunciada como falta de atualização ou de aperfeiçoamento dos professores.

Atualmente, deve-se elaborar um conhecimento capaz de conduzir o aluno a participar da dinâmica engendrada à sociedade através das transformações sociais que estão em constante movimento.

É necessário então a reorganização e a revitalização dos currículos e da prática pedagógica. Impõe-se como uma necessidade esta revisão a fim de que as Escolas e/ou Instituições possam acompanhar o ritmo de mudanças que caracterizam a sociedade atual, com vista a formação do futuro profissional. Com essa preocupação estabeleceu-se como

¹ Este trabalho é parte da dissertação de mestrado apresentado ao curso de Pós-Graduação em Educação - PUC/RS, 1993.

² Professora do Departamento de Geociências/CCNEI/UFPM.

direcionamento básico da pesquisa os seguintes objetivos: (a) Constatar como o Ensino da Geografia, baseada na evolução do pensamento geográfico, está sendo realizado nas Escolas Públicas e Particulares de 1º e 2º Graus do Município de Porto Alegre-RS; (b) Verificar sob que enfoque e de que forma os professores utilizam a teoria geográfica na construção do conhecimento no âmbito do ensino de Geografia, nessas escolas; (c) Identificar quais as dificuldades que os professores encontram para transpor a teoria geográfica para a prática pedagógica e também verificar como resolvem a questão; (d) Situar o papel da Geografia no ensino de 1º e 2º Graus.

2. CAMINHOS QUE LEVAM A COMPREENSÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Os procedimentos metodológicos que serviram de guia na execução desta investigação que objetiva compreender e explicar, numa abordagem qualitativa o ensino de Geografia de 1º e 2º Graus, podem ser assim descritos:

Inicialmente selecionou-se para área de estudo o município de Porto Alegre/RS. Tal escolha respalda-se no grande universo de escolas que esse município possui, contribuindo assim com um universo bastante representativo e diversificado quanto as questões a serem analisados.

O instrumento básico para a obtenção das informações à problemática em questão foi um questionário constando de quatro perguntas. Esses foram enviados a todos os professores com Licenciatura Plena em Geografia de todas as escolas públicas e particulares que possuem na sua estrutura curricular as séries de 5ª a 8ª do 1º Grau e o 2º Grau. Salienta-se que o período de coleta de informações centraram-se entre 1992/1993. Para o envio dos questionários buscou-se junto a Secretaria de Educação o número total de professores. Esses correspondem a 303 e que estão distribuídos por grau de ensino, conforme Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição dos Professores de Geografia com Licenciatura em Geografia no Município de Porto Alegre/RS.

Grau	Número de Professores
1 Erro! Indicador não definido.	219
2 Erro! Indicador não definido.	107
Total	303

Fonte: Secretaria de Educação/RS - 1991

Montagem: Ivaine Maria Tonini

OBS: Existem 23 professores trabalhando concomitantemente em ambos os graus.

Do total dos questionários enviados (303) houve um retorno de 65, correspondendo 22% do universo. Esses formam a população alvo do espaço e estão lotados conforme Tabela 2.

TABELA 2: Distribuição dos professores conforme dependência administrativa.

Dependência Administrativa	Número de professores
Estadual	50
Federal	3
Municipal	3
Participar	19
Total	65

Fonte: Questionário da pesquisa - 1992/1993.

OBS: Existem 04 professores atuando concomitantemente em duas dependências administrativas.

Posteriormente os dados coletados do questionário foram trabalhados através da análise de conteúdo com base em BARDIN (1977), segundo três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

Na primeira fase, selecionou-se e organizou-se todo o material coletado a partir das informações obtidas dos questionários e de algumas contribuições geradas através das observações que os professores eventualmente acrescentaram ao questionário.

A segunda etapa originou-se de um estudo mais aprofundado da fase anterior, ou seja, a análise das respostas emitidas pelos professores. Posteriormente, realizou-se atividades de codificação, de disposição e de categorização por núcleos temáticos, isto é, enquadramento do ensino de determinado professor na evolução do pensamento Geográfico.

Através das respostas obtidas estabeleceu-se as seguintes categorias:

Categoria A: Entendimento dos professores sobre Ciência Geográfica.

Categoria B: Finalidade da Geografia no ensino.

Categoria C: Metodologia de trabalho dos professores.

A análise sobre as relações do ensino de Geografia com a Ciência Geográfica parte das questões de como posiciona ele seu discurso frente à Ciência Geográfica e como, ainda no discurso, entende a finalidade da Geografia no ensino e descreve sua metodologia para, finalmente, tentar-se estabelecer os vínculos entre a postura teórica contida no discurso sobre a Ciência Geográfica e ensino de Geografia e a real prática pedagógica desses professores.

3. A ARTICULAÇÃO DO DISCURSO DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA COM A CIÊNCIA GEOGRÁFICA.

Com base nas respostas dos questionários foi possível identificar a articulação do discurso dos professores com a Ciência Geográfica a três correntes do pensamento epistemológico, as quais serão descritas em conformidade com as categorias estabelecidas.

3.1- Categoria A: ENTENDIMENTO DOS PROFESSORES SOBRE CIÊNCIA GEOGRÁFICA.

Nesta categoria agrupa-se conceitos expressos pelos professores de Geografia vinculados à epistemologia do pensamento geográfico. Com cinquenta e três depoimentos, foi possível estabelecer esta vinculação, na qual foram identificados as três correntes do pensamento geográfico, as quais foram sub-agrupadas de acordo com os conceitos elaborados. No restante dos depoimentos não foi possível alcançar alguma vinculação com o pensamento geográfico pela ausência de elementos para tal ensejo e/ou por apresentarem conceitos bastante difusos.

O conceito expresso com maior frequência (quarenta e dois professores, representando 65% do total), insere-se no pensamento epistemológico tradicional. Foi possível

evidenciar, igualmente desta corrente, que a metade destes, podem se enquadrar numa perspectiva que mais se aproxima da escola determinista e a outra metade escola possibilista.

A visão epistemológica determinista da Geografia dá-se pelo fato destes professores perceberem o posicionamento da natureza como elemento determinante da condição humana. Estes professores percebem a Geografia como uma Ciência de cunho empirista que tão somente descreve o que observa.

Este empirismo é positivista por ser um método que não possibilita emergir em sua análise o questionamento do observável, pois este é descrito pela imediatez.

VESENTINI (1986) dá suporte a estas idéias quando comenta que o positivismo seria aquilo que renuncia à essência das coisas e limita-se à observação e experimentos com os fatos.

De acordo com os conceitos emitidos pelos professores, privilegia-se a natureza, embora o homem se faça presente;(enquanto abstração) ele permanece como objeto do conhecimento e deixa a natureza ser o sujeito do conhecimento.

Esta visão separada do sujeito e objeto do conhecimento é de caráter político porque dessa maneira não se estabelecem reflexões sobre as relações sociais.

O que se verifica é a sua relação direta entre a natureza e o homem, e este, sempre subordinado às determinações da natureza uma concepção naturalista de mundo. Legitima-se desta formar a concepção de que o homem é um produto do meio. Deste modo,estabelece-se uma relação casual entre o comportamento humano e a natureza, na qual esta parece como elemento de determinação.

Tais conceitos expressos pelos professores,demonstram suas vinculações com a escola determinista.

Outra concepção do pensamento tradicional, que foi ressaltada, é a escola possibilista. Tal abordagem, foi percebida pela inserção nos conceitos à Geografia que deve estudar a paisagem a partir da influência do homem.

Tais depoimentos, percebem a relação entre o homem e o meio físico, como causalidade na qual admitem a influência do homem sobre as formas de ocupações, que resulta nos gêneros de vida de La Blache.

A ausência, em tais conceitos, de questionamentos sociais e políticos conduzem à proximidade desta escola possibilista, aparentando uma suposta neutralidade.

Este posicionamento de neutralidade que deveria estar imbuído na Geografia, não se envolvendo em problemas políticos, é desmascarado na análise dos estudos geográficos da época, os quais refletem claramente o pensamento da classe dominante e os interesses políticos do Estado. Confirmando a presença de facetas ideológicas muito claras, pois geralmente trata-se de um método de análise que não questiona porque a realidade configurou-se da forma que é retratada.

No estudo da paisagem o homem antecede o meio-físico e o resultado desta relação determinará a atividade econômica. Desta forma, afirma MORAES (1988) o que interessa a análise, no estudo geográfico, seria o resultado da ação humana na paisagem, e não esta em si mesma.

A Geografia vista na abordagem possibilista está centrada na ação humana, uma ação ativa frente ao meio natural, tentando compreender as interrelações entre as características terrestres que dão caráter a uma paisagem.

A distância que separa o possibilismo do determinismo não é tão grande. A sua base é a afirmação de abordagem dicotômica natureza-homem da Geografia que será física e humana e que será modelo de abordagem clássico adotado no ensino.

Aparecem, com menor ênfase, aproximadamente 10% do total de depoimentos, correspondendo a sete professores, outros conceitos que mais se aproximam de uma perspectiva abordada pela Geografia Ativa

O critério unificador destes conceitos está na ausência mecanicista e naturalista da relação homem x meio tão difundida na abordagem da Geografia Tradicional.

Nestes conceitos percebe-se a introdução de relações mais abrangentes e complexas para análise geográfica. Surge, então, as relações sociais e políticas permeadas pela história, embora continue dentro de um método de análise descritivo em que a busca da compreensão geográfica ocorre através da aparência dos fatos analisados, conforme MOREIRA (1987).

Afirma MORAES (1988), que esta perspectiva, inserida na Geografia Ativa, difunde a idéia do espaço como base da vida e sua organização como reflexo da atividade econômica.

Esta abordagem diferencia-se do pensamento tradicional da Geografia por denunciar as injustiças e contradições sociais encontradas mas mantém o mesmo método de análise descritiva e empirista.

Ao perceber as profundas diferenças regionais constatadas no mundo, insere-se temas até então abordado pela Geografia, procurando aflorar todas as contradições do método de produção capitalista.

A introdução da historicidade e de alguns conceitos marxistas apresenta alterações significativas na estrutura temática geográfica, buscando ultrapassar o campo da atualização e do alinhamento político.

Apesar de politizar o discurso geográfico a Geografia Ativa para MORAES (1998) limitava-se a um estudo de aparências, sem possibilidades de indagar a respeito dos problemas, contribuindo para sua superação mas enriquecendo para novas e, paralelas discussões epistemológicas do pensamento geográfico.

Para MOREIRA (1987) esta Geografia é cingida de uma Ciência visível, cuja a ausência do invisível deixava a paisagem sem brilho.

Através dos depoimentos emitidos pelos professores é possível perceber, ainda que, de forma embrionária, uma perspectiva que mais se aproxima do pensamento geográfico crítico correspondendo a quatro depoimentos.

Com estes depoimentos, os professores explicam a presença das contradições existentes na sociedade. Não estabelecem relações harmoniosas dentro desta, bem como, desta com a natureza.

Fazem a análise geográfica a partir da apropriação da natureza pela sociedade.

Nesta perspectiva o homem não aparece isolado, e nem como elemento único modificando a natureza. Ele está inserido na sociedade e esta, por sua vez, é regida pelas múltiplas forças que a constroem, modificam e transformam.

Segundo VLACH (1991) a Geografia Crítica trabalha com a contradição, os conflitos, as ambigüidades das lutas sociais, considera a totalidade social e persegue a transformação do todo social.

Através dos depoimentos desses professores, a Geografia não é entendida como algo pronto e acabado, cujo os elementos de análise Geográfica estão sempre em perfeita harmonia. Para estes professores, o espaço geográfico é produto das relações sociais historicamente construído.

A Geografia é estudada nesta linha, além dos limites alcançados por aquilo que é visível, ou seja, a análise da essência dos elementos que compõem o espaço geográfico.

Para estes professores o ensino da Geografia deve estar imbuído dentro de uma perspectiva transformadora da sociedade, embasados em fundamentos filosóficos, tecidos em diversas correntes, principalmente a marxista.

Para ANDRADE (1987: 122) :

"Costuma-se catalogar neste grupo geógrafos que se conscientizaram da existência de problemas muito graves na sociedade em que vivem e compreenderam que toda a Geografia, tanto a Tradicional como a Quantitativa e da Percepção embora se apregoando de neutras, tem um sério compromisso com o status quo, com a sociedade de classe. A neutralidade científica apregoada é uma forma de esconder os compromissos políticos e sociais à de classe. A neutralidade científica apregoada é uma forma de esconder os compromissos políticos e sociais".

A unidade dos depoimentos está na postura de oposição a uma realidade social e espacial, contraditória e injusta, que analisa o espaço a partir do materialismo histórico e dialético. Para VLACH (1991) não basta a chamada Geografia Crítica apoderar-se dessa perspectiva de trabalho científico.

Há que se transformar inteiramente o que exige correspondência entre, por exemplo o conteúdo que ela aborda e o método usado para abordá-lo.

Sobre este assunto ANDRADE (1987:116) nos diz que:

"A partir da segunda metade da década de 60, os Geógrafos passaram a ter preocupação maior com a problemática social, de

vez que o desenvolvimento industrial passou a exercer grande impacto sobre a natureza e a sociedade, degradando e dilapidando os recursos naturais".

O pensamento geográfico crítico busca resgatar a responsabilidade social da Geografia de desvendar a aparência dos fatos reais para atingir sua essência através de uma relação dialética. Esse resgate pretende efetivar-se desde a Antiguidade, através de sua vertente de uma Geografia entendida como práxis transformadora até uma Geografia social proposta - no século XIX - por Élisée Reclu.

Esta relação dialética que se insere na estrutura interna da Geografia é explicada por MOREIRA (1987 : 176) :

"A aparência mais não é que uma das pontas do espesso tecido de níveis de categorias que tem na ponta oposta a essência. A essência se manifesta através da aparência (a coisa). Como é a coisa que vive o mundo, a interação que existe neste mundo se dá sempre como fenômeno. Nasce, assim, a teia das relações fenomenológicas. Diz-se, então, que a essência constitui as relações internas e o fenômeno as relações externas das coisas. O conteúdo é conjunto articulado dessas relações internas e externas das coisas, reunindo em si a essência e o fenômeno. A forma é o estado do conteúdo, o modo como ele se manifesta. Praticamente se confundem, então, a forma e a aparência. Todavia, é à nossa apreensão meramente sensória da forma que chamamos de aparência".

Portanto, a paisagem é a aparência da sociedade, que é seu conteúdo. O espaço é a forma como se organiza territorialmente a sociedade, a sua configuração topológica. Os fenômenos são as relações visíveis e não-visíveis desse espaço.

Trata-se de uma Geografia que concebe o homem como um ser social que constrói o espaço geográfico que, por sua vez é desarmônico, conflituoso em constante dinamismo, conforme VESENTINI (1989 : 57):

"... é uma Geografia que concebe espaço geográfico como espaço social construído, pleno de lutas e conflitos sociais. Ela critica a Geografia moderna no sentido dialético do termo crítica: Superação com Subseção, e compreensão do papel histórico daquilo que é criticado. Essa Geografia radical ou crítica coloca-se como ciência social, mas estuda a natureza enquanto recurso apropriado pelos homens e enquanto uma

dimensão da história, da política. No ensino, ela preocupa-se com a criticidade do educando e não em arrolar fatos para que ele memorize".

Sobre este assunto SANTOS (1980:217) nos diz que:

"A necessidade maior é a de desmistificar o espaço se desejamos juntar as características próprias do espaço e da formação social correspondente em uma teoria saída da realidade. Trata-se de encarar o espaço como ele é, uma estrutura social, com as outras estruturas sociais, dotada da autonomia no interior de todo e participando com as outras de um desenvolvimento interdependente, combinado e desigual".

As repercussões desta vertente no Brasil foram sentida, mais fortemente, nos fins da década de 70, cujos seguidores demonstraram grandes preocupações pelos problemas sociais, políticos e ecológicos e aprofundamento da análise às causas, às raízes dos problemas.

Pode-se constatar que esse pensamento é ainda embrionário no ensino, mas que cujos professores que estão vinculados a tal pensamento, buscam romper estruturas e temas tradicionais de análise, pressupondo a compreensão do conhecimento como resultante da prática social, ou seja, o saber, é produto da produção e da luta de classes. Conduzindo o aluno a participar da prática da práxis transformadora.

3.2 Categoria B: FINALIDADE DA GEOGRAFIA NO ENSINO

A maioria dos depoimentos, aproximadamente 60% afirmam que a finalidade da Geografia no ensino está vinculado ao pensamento Tradicional, pela ênfase dada a descrição do quadro natural, ainda que , a presença do homem esteja inserida (mas não aparecem as classes sociais), sejam ferramentas para a inclusão de uma ideologia dominante pois, encobre, sob o estudo do quadro natural, as questões políticas em jogo.

Para estes professores a Geografia tem como finalidade de privilegiar a descrição, a localização dos fatos físicos que integram o espaço local e mundial. Espaços, estes, abstratos e distantes.

Segundo BRABANT (1989) a finalidade deste ensino não é levar a raciocinar sobre um espaço, mas fazer dele inventário, para delimitar o espaço nacional e situar o cidadão neste quadro.

Conforme CARVALHO (1989), é o espírito físico-descritivo já contagiando o humano e o econômico e, deste modo, a Geografia cumprindo a sua função ideológica: fotografar o espaço. Admirar ou não esta fotografia, mas jamais desvendar seus mistérios ou questionar seus arranjos.

Através destes depoimentos, percebe-se que a finalidade que a Geografia tem no ensino é uma poderosa contribuição a dar para inclusão da ideologia das classes dominantes, colocando-se a serviço dos seus interesses.

Dentro de uma postura epistemológica que mais se aproxima da Geografia Ativa, foi possível vincular os depoimentos de aproximadamente 25% dos professores, cuja inserção neste pensamento reside na ruptura da análise meramente mecanicista da relação homem-meio se configura na forma concreta da sociedade, afirma MOREIRA (1987).

Para MORAES (1988) esta abordagem constitui-se em finalidade de instrumento de ação política por usar uma análise descritiva do espaço não trazendo á tona todas as contradições existentes no espaço.

Tal afirmação, insere os depoimentos dos professores nesta finalidade da Geografia no ensino.

Naturalmente que estes depoimentos trazem á luz a organização espacial que é fonte de abertura para visualizar o espaço através dos elementos mais complexos mas deixa de lado o entendimento dos problemas surgidos com as contradições políticas, econômicas e sociais.

Portanto, para estes professores a finalidade da Geografia, enquanto disciplina escolar, é compreender a organização espacial dentro de uma visão social, emergindo nesta análise temas referentes ao desenvolvimento econômico.

Pela análise dos depoimentos dos professores percebe-se, também, uma maior proximidade, da existência de vinculação com o pensamento Geográfico Crítico. Constituído-se cerca de 15% dos depoimentos.

Nesta perspectiva foram agrupados os depoimentos que evidenciam a preocupação dos professores de que a Geografia tem por finalidade, no ensino, de contribuir para que determinadas potencialidades do aluno se desenvolvam em direção do relacionamento entre o conteúdo estudado com sua vida, os seus problemas e do mundo em que vive.

Para isto, conforme VESENTINI (1989) a Geografia no ensino, tem a finalidade da compreensão transformadora do real, na percepção da política do espaço, onde o aluno pode tornar-se co-autor do saber.

Integrar o aluno no saber significa deixá-lo descobrir que pode tornar-se sujeito da história.

Segundo OLIVEIRA (1987) é preciso participar da transformação da sociedade, rumo a outra sociedade, no mínimo mais justa, e tal participação só pode ser feita se entende corretamente o momento. É com esta perspectiva que a Geografia deve perpassar, no ensino.

Para estes professores a Geografia, no ensino, tem como finalidade o questionamento da realidade social como um todo, sem cair na modernização conservadora de seus elementos, direcionando-se por um caminho que conduza a sua real finalidade no ensino.

3.3 Categoria C: METODOLOGIA DE TRABALHO DOS PROFESSORES

A maioria dos depoimentos dos professores, aproximadamente 70%, desenvolve sua ação pedagógica numa perspectiva do pensamento epistemológico tradicional.

Para estes professores a Geografia é trabalhada com conteúdos fragmentados através de mecanismos que pretensamente facilita a memorização.

Quando o ensino da Geografia somente atinge este nível de pensamento-memorização, é rotulada como uma das disciplinas mais fáceis de se estudar.

Segundo RESENDE (1989) para aprender esta Geografia, isto é, este conjunto de dados estanques e sem sentido, basta uma coisa: memória eficiente.

Esta perspectiva consiste em informar os alunos que existem tantos e tais fatos, esgotando-se na observação e catalogação dos dados da realidade mas sem transcender o dado em si.

Para LIBÂNEO (1991) esta prática é vinculada à Pedagogia Tradicional, pois o aluno é um receptáculo de conteúdo e sua tarefa é decorá-lo. O conteúdo é tratado isoladamente, isto é, desvinculado dos interesses do aluno e dos problemas reais da sociedade e da vida.

O conteúdo desenvolvido centraliza-se na missão do professor. O aluno é visto como um objeto passivo, neutro, receptor de informações que não apresenta um saber prévio oriundo de sua experiência.

Consiste também, e inclusive, em adaptar o aluno em assumir sua posição sem questioná-la dentro da sociedade capitalista.

Em outros depoimentos, aproximadamente 15%, foi possível destacar na ação pedagógica dos professores sua vinculação mais próxima do pensamento epistemológico da Geografia Ativa.

O professor ao buscar maiores meios para que o aluno atinja uma aprendizagem mais significativa, com a finalidade de orientá-lo e incentivá-lo, extraindo o seu prévio saber, leva a supor uma proximidade com a corrente da Pedagogia Cultural.

Segundo LIBÂNEO apud MATTOS (1991), nesta perspectiva a autêntica aprendizagem consiste exatamente nas experiências concretas de trabalho reflexivo sobre os valores de cultura e da vida, ampliando as possibilidades de compreensão e da interação do educando com o ambiente e com a sociedade.

Conforme o referencial teórico da Geografia Ativa é possível estabelecer este elo de ligação com a Pedagogia Cultural, pois a primeira, tem como objetivo o espaço social e a segunda, como método os procedimentos de aprendizagem condicionados a valores lógicos e sociais.

Portanto, ambas relacionam-se de forma direta e se complementam possibilitando a aprendizagem do aluno com esta perspectiva.

A outra perspectiva demonstrada nos depoimentos, dos professores a qual mais se aproxima do pensamento epistemológico da Geografia, está vinculada à corrente Crítica, representada por aproximadamente 15% dos professores.

O início destas ações pedagógicas se dá pelo prévio saber do aluno, cujos conteúdos não bastam que sejam transmitidos, é necessário que se articulam de forma indissociável à realidade.

Trata-se de obter o acesso do aluno, dos conteúdos, vinculando-os com a experiência concreta dele ultrapassar a experiência, os estereótipos, as pressões difusas da ideologia dominante.

Esta Prática, articula-se na perspectiva da Pedagogia Crítico Social dos conteúdos. Segundo LIBÂNEO (1991) esta Pedagogia toma o partido dos interesses majoritários da Sociedade, atribuindo à instrução e ao ensino o papel de proporcionar aos alunos a consciência crítica face às realidades sociais e capacitando-os a assumir, no conjunto das lutas sociais, a sua condição de agentes ativos de transformação da sociedade e de si próprios.

Dessa maneira, professor e aluno apropriam-se do conhecimento científico, tendo em vista atingir o saber. E é o professor quem faz a medição entre o aluno e o saber.

A mobilidade percebida entre alguns professores nas diferentes categorias (conforme os percentuais obtidos para as categorias A, B e C), podem evidenciar que estejam em transição entre as correntes do pensamento epistemológico da Geografia. Parecem buscar um engajamento num pensamento e prática mais críticos que o que vêm realizando, como também podem estar fazendo o movimento inverso, isto é, direcionarem-se ou fixarem-se para uma posição eminentemente tradicional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O professor de Geografia, enquanto sujeito de uma prática social, está, de maneira geral, atuando dentro de uma linha reprodutora de classes hegemônicas, parecendo

evidenciar que sua prática está seguindo modelos prontos, não havendo da parte do professor a preocupação pela busca da modificação de sua ação pedagógica.

Alguns poucos professores, com maior capacidade de acompanhar os atuais debates do pensamento epistemológico da Ciência Geográfica, conseguem ter a preocupação em tentar dinamizar sua postura teórico-metodológica frente a este movimento, embora isto não tenha sido possível evidenciar na prática em sala de aula.

Urge no entanto, a modificação da finalidade da Geografia no Ensino. Para reverter tal quadro, é necessário que o professor repense seu comportamento frente a Ciência Geográfica.

A finalidade da Geografia no ensino deve remeter-se para a construção do saber, cujos agentes deverão ser os professores e alunos, o que dar-se-á, através de um paradigma que procure desenvolver no aluno sua capacidade de pensar criticamente, tendo em vista sua transformação.

É preciso repensar e reverter o atual ensino da Geografia nas escolas de 1º e 2º Graus para que alunos e professores não se perpetuem neste estágio de espectador frente ao movimento pedagógico que se desenvolve no sistema escolar. Mas para tanto, é preciso que a maioria destes professores conscientizem-se de sua ação pedagógica.

É necessário, enquanto professor de Geografia, realizar uma reflexão mais aprofundada com vistas a um entendimento mais claro da complexa realidade em que vivemos, trabalhamos e que ajudamos a construir, ao invés de simplesmente basearmos o ensino da Geografia na reprodução e manutenção de teorias que levam à conservação do "status quo".

5. BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. C. de. *Geografia-Ciência da Sociedade*. São Paulo: Atlas, 1987.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BRABANT, J. M. Crise da Geografia. Crise da Escola. *IN: Para onde vai o ensino da Geografia?* São Paulo: Contexto, EDUSP, 1989. p.15-23.

CARVALHO, M. B. de. A natureza da Geografia no ensino médio. *IN: Para onde vai o ensino da Geografia?* São Paulo: Contexto, EDUSP, 1989. p.81-108.

GEORGE, P. et al. *A Geografia Ativa*. São Paulo: Difusão Européia, 1968.

LIBÂNEO, J. C. *Democracia da Escola Pública*. São Paulo: Loyola, 1987.

MORAES, A. C. R. *A Gênese da Geografia Moderna*. São Paulo: Hucitec, 1989.

MOREIRA, R. *O Discurso do avesso (Para a Crítica da Geografia que se ensina)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

OLIVEIRA, A. U. Educação e Ensino de Geografia na Realidade Brasileira. *IN: Para onde vai o ensino da Geografia?* São Paulo: Contexto, EDUSP, 1989. p.135-144.

PAVIANI, J. *Filosofia da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1988.

RESENDE, M. S. *A Geografia do aluno trabalhador (Caminhos para uma prática de ensino)*. São Paulo: Loyola, 1989.

SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. (Org.). *Novos Rumos da Geografia Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1988.

VESENTINI, J. W. (Org.). *Geografia e Ensino*. São Paulo: Papyrus, 1989.

_____. *Geografia Crítica e Ensino*. *IN: Para onde vai o ensino da Geografia?* São Paulo: Contexto, EDUSP, 1989. p.30-38.

VLach, V. *Geografia em Construção*. Belo Horizonte: Lê, 1991.

RESUMO: O ENSINO DA GEOGRÁFICA E SUAS RELAÇÕES COM A CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Este trabalho tenta compreender a natureza da articulação entre o ensino de Geografia em escolas de 1º e 2º Grau e a Ciência Geográfica, a partir da análise das diferentes concepções de Geografia subjacentes ao ensino dessa disciplina, de forma a desvendar suas determinações históricas, mostrando a quem ela é útil. A realidade que surge é que a maioria dos professores apresentam uma vinculação fortemente atrelada ao pensamento epistemológico da Geografia Tradicional, decorrendo com isto a inculcação nos alunos de um

saber pronto e acabado. Conseqüentemente o ensino da Geografia encontra-se dissociado da prática de vida.

Palavras Chave: Ensino, Ciência Geográfica, Articulação.

ABSTRACT: GEOGRAPHY TEACHING AND ITS RELATION SHIPS WITH THE GEOGRAPHIC SCIENCE

The present work constitutes an attempt to Understand the nature of the relationship between the teaching of the subject, Geography, in brasilian junior and senior high schools, of the actual Geographic Science. Through the analysis of the several concepts of Geography Undelyng the teaching of this subject we search to unveil its historical determinants and whon are they usefil to. The emerging reality shows that most teachers are strictly bound to the epistemological concepts of an oldfashioned, Traditional Geography teaching; and that as a result of their students ready-made and locked-up sets of Knowledge. Inthis fashion the teaching of Geography becomes fully divorced from real-life events and practic.

Key-words: Teaching, Geography Science, Relationship.